

SOBRE O SUJEITO E A LÍNGUA EM ALGUNS TEXTOS E CONCEITOS FUNDADORES DE M. PÊCHEUX: UMA RETOMADA EM ALTHUSSER E LACAN^[1]

Bethania Mariani (UFF/CNPq)

Observações preliminares

Esse meu texto expressa uma preocupação e um cuidado. Como vcs sabem, tenho interesse na questão do sujeito, em compreender como Michel Pêcheux articula teoricamente essa noção tendo em vista o materialismo e a psicanálise.

Meus trabalhos partem, na maioria das vezes, das indicações do próprio Pêcheux. Atualmente, tenho buscado compreender e apreender mais o campo da psicanálise e, como consequência disso, tenho tentado analisar o sujeito na contemporaneidade tendo como referencial o que psicanalistas têm afirmado a partir da escuta em seus consultórios.

No entanto, em um dado momento desse percurso, me dei conta de que alguns aspectos norteadores de discussões e mal-entendidos teóricos na atualidade sobre as noções de inconsciente e de ideologia dizem respeito a uma pouca leitura de textos fundadores para a constituição da análise do discurso nos anos 60.

Foi pensando assim que me propus, para esse evento aqui em Cáceres, trazer tais textos fundadores bem como apresentar, sinteticamente, mesmo correndo o risco de reducionismos, parte do percurso de Althusser e Lacan, autores com os quais Pêcheux dialogou ao longo de sua obra.

Pontos de partida

Leitura e escrita têm a ver com o sujeito e com língua materna, esse é um lugar comum que sabemos bem. Entretanto, é necessário produzir um estranhamento no campo que essa afirmativa abrange, se quisermos evitar uma repetição que os estudos lingüísticos e a pedagógicos engendraram com seus métodos de ensino e técnicas de avaliação. Assim pensando, entendo que precisamos estranhar as teorias com as quais lidamos e, ao mesmo tempo, precisamos tematizar leituras e escritas que constituem o próprio percurso de uma teoria para não cairmos no automatismo de uma repetição sem memória. No caso da Análise do Discurso, esse estranhamento é possível, quando reterritorializamos os conceitos de sujeito e de língua materna com base em dois campos teóricos, sem os quais a Análise do Discurso, tal como a concebemos, não poderia provocar seus efeitos: o Materialismo Histórico e a Psicanálise.

Pêcheux, em artigo de 1969 ^{3/4} *As ciências humanas e o momento atual*²¹ ^{3/4} já marcava a necessidade de uma ruptura na produção de conhecimentos que permitisse, de fato, uma revolução na produção do conhecimento teórico e na sua prática. Apesar da distância de pelo menos 40 anos entre essas afirmações de Pêcheux e os dias de hoje e levando em consideração a especificidade da questão francesa, de modo mais preciso, ainda assim as críticas de Pêcheux têm seu lugar no que diz respeito à pesquisa com a linguagem do ponto de vista discursivo. Isso porque, como ele afirma, o hábito do pensamento idealista, imbricado no modo de produção capitalista presente na universidade, acaba por fazer uma apropriação do pensamento crítico, produzindo uma banalização dos conceitos e um aplicacionismo para satisfazer as urgências pedagógicas do mercado.

Dos retornos a textos fundadores

Meu objetivo é apresentar algumas reflexões que ajudem a provocar tal estranhamento mencionado no início desse artigo, partindo justamente de questões apontadas por Pêcheux a respeito do pensamento teórico que se elaborava em meados da década de 60 sobre novas práticas de leitura. Faço, assim, um retorno (ainda que sintético e reduzido) a textos fundadores de Althusser e de Lacan inscritos, de modo explícito ou não, em formulações da Análise do Discurso. Para tanto, retomo inicialmente um bastante conhecido e bastante citado fragmento de texto de Pêcheux em *O discurso: estrutura ou*

acontecimento: “O efeito subversivo da trilogia Marx-Freud-Saussure foi um desafio intelectual engajando a promessa de uma revolução cultural, que coloca em causa as evidências da ordem humana como estritamente bio-social.” (Pêcheux, 1990 [1988], p. 45)

Essa afirmação é feita logo após uma citação de Althusser no livro *Ler o capital*, publicado em 1965^[3]. Mas é possível depreender aqui, para além da específica referência feita por Pêcheux a essa obra althusseriana, dois outros trabalhos teóricos desenvolvidos também por Althusser em dois momentos diferentes: *Freud e Lacan* (1964) e *Marx e Freud* (1976). Dois textos densos, politicamente estratégicos na articulação entre filosofia e política. Textos que tematizavam a cientificidade do materialismo histórico e da psicanálise, dois campos com objeto próprio que subvertiam o idealismo vigente nas ciências humanas. Sabemos que Pêcheux seguiu de perto Althusser em seu posicionamento teórico e em suas discussões políticas no Partido Comunista Francês.

Althusser lendo Freud e Lacan

Em *Freud e Lacan*, Althusser escreve uma nota preliminar na qual faz uma autocrítica relativa à posição totalmente contrária à psicanálise expressa pela intelectualidade francesa engajada no Partido Comunista, em 1949. Para Althusser, em 1964, era necessário “atravessar, à custa de grandes esforços críticos e teóricos, o imenso espaço de preconceitos ideológicos que nos separa de Freud.” (Althusser, 1984 [1964], p. 47) Todo o texto a seguir representa um esforço teórico em mostrar e provar que a psicanálise, por ser uma nova ciência (expressão de Althusser) – assim como o materialismo histórico – paga o preço da má recepção e da incompreensão de sua teoria e de sua técnica. Althusser não mede palavras: em sua minuciosa e sintética apresentação de conceitos freudianos e lacanianos extremamente relevantes, ele chega mesmo a pontuar: “a parte mais original da obra de Lacan é a sua descoberta. Essa passagem da existência (no puro limite) biológica à existência humana (filho de homem), Lacan mostrou que ela se operava sob a Lei da Ordem que eu chamarei Lei de Cultura, e que essa Lei da Ordem se confundia, em sua essência *formal*, com a ordem da linguagem.” (Althusser, 1984 [1964], p. 64)

A presença do pensamento de Lacan na argumentação althusseriana representa o diálogo com um autor que retoma Freud para nele depreender o que lá já estava formulado enquanto trabalho teórico. Lacan não reduz nem se desvia do efeito subversivo produzido pela descoberta do inconsciente. Para Althusser, portanto, esse retorno de Lacan a Freud quer dizer: “retorno à teoria bem estabelecida, bem fixada, bem assente no próprio Freud, à teoria madura, refletida, consolidada, verificada, à teoria suficientemente avançada e instalada na vida (inclusive na vida prática) para haver construído aí sua morada, produzido o seu método, e engendrado sua prática.” (Althusser, 1984 [1964], p. 56)

Se Freud, em vários momentos da sua obra, como em *A interpretação dos sonhos* e em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, pôde apontar para o fato de que, em relação ao inconsciente, tudo dependia da linguagem, Lacan por outro lado, com o apoio na Lingüística, pôde avançar na teoria a partir de Freud e constituir o campo da psicanálise, marcado por alguns de seus famosos aforismos, que transcrevo a seguir: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, “o inconsciente do sujeito é o discurso do outro”, “todo ato falho é um discurso bem-sucedido”, “a lei do homem é a lei da linguagem”. Isso é possível porque Lacan, desde o primeiro de seus seminários, $\frac{3}{4}$ *Os escritos técnicos de Freud* (1953-54)^[4] $\frac{3}{4}$ percebe esse modo de Freud teorizar sobre sua própria prática clínica e chama a atenção para a presença, na obra freudiana, de inúmeras referências filológicas, inferências lógicas e “analítica languageira” (Lacan, 1998 [1966], p.513). Na análise da retórica do sonho, por exemplo, essa analítica languageira sobre o modo como o discurso onírico é contado toma a forma de deslocamentos e condensações, nos termos de Freud, ou, metonímias e metáforas, nos termos de Lacan. ^[5]

Nesse ponto, é importante retomarmos as condições de produção dessa defesa do estatuto teórico de Freud e Lacan feita por Althusser, ao estabelecer um programa que pudesse congrega a Psicanálise com o Marxismo, pois, como sabemos, nas condições de produção estão os modos de produção.

Das condições de produção: Lacan e Althusser

Em 1964, Lacan já estava em seu décimo primeiro seminário e alguns de seus escritos fundamentais já circulavam em meio à intelectualidade. Nas

palavras de Elisabeth Roudinesco, “para Lacan, a virada dos anos 1960-1965 concretiza um reconhecimento sem precedentes” (Roudinesco, 1988, p. 403), reconhecimento baseado em formulações teóricas e em uma prática clínica. Esse é o momento de uma grande cisão na política das organizações psicanalíticas em função, justamente, daquilo que Lacan propõe ensinar e praticar com base na linguagem do inconsciente: Lacan está rompendo com a Sociedade de Psicanálise da França para fundar a Escola Francesa de Psicanálise. E é assim que a intervenção de Althusser tem sua maior relevância tanto porque publica *Freud e Lacan*, como porque durante seu seminário de 1963 ele inclui a leitura e a discussão de textos de Lacan e, no ano seguinte, acolhe Lacan e seu seminário no âmbito da *École Normale Supérieure*. Em seguida, em 1965, em seu próprio seminário, Althusser propõe uma releitura coletiva do *Capital* que desemboca na construção da noção de leitura sintomal (ou sintomática), uma forma de leitura apreendida a partir do próprio modo como Marx lê seus predecessores.

Althusser, da sua posição de filósofo, entremeia filosofia e epistemologia de um lado, mas também de outro a lingüística, com seu rigor metodológico, e a psicanálise, uma nova ciência pouco compreendida, como ele mesmo denomina e qualifica, para construir um modo de ler que trabalha nas lacunas, nas contradições, nos silêncios da materialidade do texto. Lembremos, aqui, o que ele afirma em *Ler o Capital*, livro organizado após o término do seminário mencionado anteriormente. Afirma Althusser: “Foi a partir de Freud que começamos a suspeitar do que escutar, logo do que falar (e calar) quer dizer: que este ‘quer dizer’ do falar e do escutar descobre, sob a inocência da fala e da escuta, a profundidade determinada de um fundo duplo, o ‘quer dizer’ do discurso do inconsciente – este fundo duplo do qual a lingüística moderna, nos mecanismos da linguagem, pensa os efeitos e condições formais.” (Althusser, *apud* Pêcheux, (Pêcheux, 1990 [1988], p. 45)

A leitura sintomal, dessa forma, distancia-se das práticas de leitura então vigentes: distancia-se da leitura literal, que supõe uma espécie de inocência de um leitor desprovido de ideologia e apto a encontrar o conteúdo do texto, e distancia-se também de uma leitura hermenêutica, que supostamente encontraria nas entrelinhas o sentido oculto do texto.^[6]

“A partir dessa restauração de um enunciado portador de vazios, e da formulação de sua questão a partir da resposta, é possível trazer a lume as razões que explicam a cegueira da economia clássica sobre o que ela, entretanto, vê, portanto do seu não-ver interior ao seu ver. Em outros termos, virá à superfície que o mecanismo pelo qual Marx vê o que a economia clássica não vê é idêntico também, em princípio pelo menos, ao mecanismo pelo qual estamos prestes a refletir essa operação de visão de um não-visto do visto, ao ler um texto de Marx que é em si uma leitura do texto da economia política.” (Althusser, em *Ler o Capital*, 1965)

Esse tipo de leitura chamada por Althusser de sintomal se caracteriza, portanto, por um decentramento do indivíduo na medida em que, ao privilegiar a noção de estrutura discursiva, recusa a tese central do idealismo humanista, que coloca o homem como centro e origem de tudo. Com Balibar, um dos participantes do seminário de Althusser e um dos autores de *Ler o capital*, depreende-se justamente esse descolamento da posição idealista: “Os homens só aparecem na teoria [de Marx] sob a forma de suportes das relações implicadas na estrutura, e as formas de sua individualidade como efeitos determinados da estrutura.” (Althusser, *idem*)

Em resumo, o que aproxima Althusser de Lacan nesse momento teórico dos anos 60, nesse retorno a textos fundadores de seus campos de saber? O mesmo que aproximava outros intelectuais da época, como bem assinalou Paul Henry em texto sobre fundação da Análise do Discurso (Henry, 1988): a linguagem. Assim, para Lacan a linguagem é a condição do inconsciente e para Althusser, seguindo os passos de Lacan à sua maneira, a linguagem e o inconsciente são a condição do homem.

A QUESTÃO DO SUJEITO

Nesse ponto, é necessário realçar a questão do sujeito. Como vimos, a recusa da posição idealista se inscreve em duas vias: nem o sujeito leitor nem o sujeito que produz o texto se encontram na origem de seus enunciados. Ao contrário, leitor e autor estão integrados nas condições de produção de tais enunciados. A posição do teórico é, então, a de localizar, formalmente, nessa rede de enunciados as posições que marcam esses momentos de leitura e de autoria.

É o que afirma Althusser conciliando Marx, Freud e Lacan: “Desde Copérnico, sabemos que a Terra não é o ‘centro’ do Universo. Desde Marx, sabemos que o sujeito humano, o ego econômico, político ou filosófico, não é o ‘centro’ da História – sabemos (...) que a História não tem um ‘centro’, mas possui uma estrutura que tem um ‘centro necessário apenas no desconhecimento ideológico. Freud nos revela, por sua vez, que o sujeito real, o indivíduo em sua essência singular, não tem a figura de um ego, centrado no ‘eu’(*moi*), na ‘consciência’ ou na ‘existência’ – quer esta seja a existência do para-si, do corpo-próprio, ou do comportamento – , que o sujeito humano é descentrado, constituído por uma estrutura que também tem um ‘centro’ apenas no desconhecimento imaginário do ‘eu’, ou seja, nas formações ideológicas em que ele se ‘reconhece’.” (Althusser, em *Freud e Lacan*, p. 71)

Ambos, Lacan e Althusser, colocam-se na posição de leitores de Freud e de Marx, depreendendo nesses autores uma metodologia de trabalho de leitura, a qual circunscreve o campo de suas investigações sobre o homem, e uma teoria que produz um decentramento desse homem como origem para integrá-lo no funcionamento dos enunciados, tanto os produzidos efetivamente quanto aqueles silenciados. Com o apoio de Althusser, o modo de pensar a linguagem sob o ponto de vista lacaniano se expande para além das fronteiras da psicanálise. Se Lacan é responsável por uma certa direção na teorização sobre a linguagem e sobre o sujeito, Althusser colabora na divulgação dessa teorização das noções de linguagem e sujeito: o primado da linguagem frente ao pensamento (inconsciente), a releitura do signo saussureano à maneira de Lacan, engendrando a primazia e a antecipação do significante sobre o significado, uma concepção de sujeito que não é fonte do seu dizer e, finalmente, a idéia de que esse dizer traz elementos significantes da cadeia de um discurso inconsciente ao qual o sujeito não tem acesso. E mais, a aventura teórica formula a crítica do sentido como um conteúdo imanente que expressa uma verdade. Não há o sentido, pois isso que habitualmente se chamava de ‘O sentido’ era um efeito de sentido, dependente de relações entre outros efeitos de sentido.

Ao final de *Freud e Lacan*, após ter apresentado e sintetizado vários conceitos freudianos e lacanianos ³/₄ tais como o Édipo, imaginário e simbólico, o falo como significante, Lei, dentre outros ³/₄, Althusser recomenda em uma “nota bibliográfica para um estudo” a obra de Lacan até então publicada e disponível para leitura.

Diferenças.... diferentes também em relação a si mesmos

Entre a publicação desse texto e *Marx e Freud*, há diferenças entre Althusser e Lacan que vão progressivamente se instaurando. De modo bastante sintético, e de acordo com os comentadores da obra de um e de outro, haveria uma passagem ao longo dos anos 70 e 80 de um primeiro para um segundo Althusser e de um primeiro para um segundo Lacan. (Vamos expor alguns elementos dessa passagem, aqueles pertinentes à questão que nos interessa: sujeito.)

Até que Althusser publique, em 1976, *Marx e Freud*, à luz de elementos de autocrítica lentamente gestados no interior do movimento comunista, um percurso teórico vai construindo uma distância entre os objetos da psicanálise e do materialismo histórico. Em *Marx e Freud*, nenhuma palavra sobre Lacan, embora permaneça uma admiração pelo freudismo. Nesse texto, Althusser vai inicialmente argumentar em torno da proximidade existente entre o modo de teorizar dos dois fundadores dessas novas ciências. Tanto Marx quanto Freud definiram seus objetos bem como seus limites e sua extensão, caracterizando seus modos de existência e seus efeitos, ou seja, construíram seus objetos como objetos de conhecimento, teóricos, portanto. Assim, ambos teriam sido materialistas *avant la lettre*, pois se o materialismo “é a existência da realidade fora do pensamento ou da consciência”, para Althusser, “Freud é desde o início materialista, já que nega a primazia da consciência não só no conhecimento, mas também na própria consciência.” (Althusser, 1984 [1976], p. 77) Além disso, ao conceituar o aparelho psíquico, Freud demonstra que o ego é um efeito desse aparelho psíquico, formado também pelo id e pelo super-ego. Em outras palavras, o aparelho psíquico não é uma unidade centrada e o inconsciente não é nem uma realidade material nem uma realidade social.

Indo mais adiante, Althusser assinala que o materialismo e a psicanálise são teorias sob o domínio da conflituosidade, pois, cada uma, a seu modo, atinge as posições da burguesia tanto no que ela produz ideologicamente de forma a

ocultar a exploração de classe numa dada formação social, quanto no que essas posições ajudam a sustentar: uma idéia de um sujeito psicológico, ou seja, o homem consciente e racional. “Essa ideologia do *sujeito-consciente* constitui a filosofia implícita na teoria da Economia Política Clássica e foi sua versão *econômica* que Marx criticou, ao recusar a noção de *homo economicus*, segundo a qual o homem se define como o sujeito-consciente de suas necessidades, e esse sujeito-de-necessidade, como o elemento último e constitutivo de toda a sociedade.” (Althusser, 1984 [1976], p. 84) É esse sujeito-consciente-de-si o objeto de uma reviravolta crítica nos campos teóricos do marxismo e do freudismo. Assim, seguindo seu raciocínio, Althusser demonstra que essa categoria do sujeito-consciente-de-si, portador de uma identidade, consciente de suas necessidades e responsável por seus atos, é necessária à ideologia burguesa, já que dessa forma é possível obrigá-lo e responsabilizá-lo em consciência. O sujeito-consciente-de-si é, também, o sujeito-(consciente)-de-seus-atos, complemento necessário do sujeito-de-direito.

Ao postular a luta de classes e ao descobrir o inconsciente, Marx e Freud tocaram em pontos sensíveis dessa ideologia que sustenta o sujeito como a interioridade de uma unidade, portador de uma identidade, de vontades e de uma consciência. Segundo Althusser, apesar de construírem objetos diferentes ^{3/4} nem Marx foi “além de uma teoria das formas históricas da individualidade” nem Freud se dedicou a fazer um estudo psicanalítico do social^[7] ^{3/4} os dois autores têm afinidades teóricas importantes e introduziram outras formas de pensar, “formas revolucionárias”, segundo o autor.

Em Althusser, essa pontuação de defesa do pensamento freudiano marca, como dissemos com apoio no próprio Althusser, a defesa teórica da diferença entre objeto real e objeto de conhecimento. Marca, também, a idéia de que só se faz ciência quando se pode produzir um objeto de conhecimento capaz de se apropriar do real.^[8] Porém, essa defesa é simultânea a um recuo frente ao pensamento lacaniano, pelo menos do segundo Lacan, o chamado Lacan da clínica do real. Vejamos que Lacan é este.

O segundo Lacan

Em 1964, com o *Seminário 11*, Lacan pontua e formaliza os conceitos fundamentais da psicanálise: inconsciente, objeto a, pulsão e transferência. É neste seminário que ele afirma que “só há causa para o que manca” (p. 27), indicando aí uma formulação para o inconsciente como algo que se articula no que escapa no encadeamento significativo, e não no articulado. O sujeito do inconsciente é pontual e evanescente, no exato momento em que é produzido, na seqüência, é perdido. Quando falamos, portanto, falamos alienados ao campo do Outro, uma alienação importante porque sem ela o sujeito não se constitui. O inconsciente, portanto, é da ordem da rachadura, do tropeço nessa fala alienada. “Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. (...) Assim, o inconsciente se manifesta sempre como o que vacila num corte do sujeito (...) em que o sujeito se saca em algum ponto inesperado.” (Lacan, *Sem. 11*, p. 30 e32)

Vejamos mais como isso se dá. Os significantes de cada sujeito são determinados por uma história familiar de cada um: aqui se constitui o tesouro de significantes de cada sujeito, a cadeia significativa que determina o sujeito e estrutura seu discurso. Nós nos localizamos, nos posicionamos como sujeito ao falar, mas não nos damos conta disso. O sujeito, portanto, se reconhece nessa cadeia articulada e o desconcerto (ou a surpresa) se dá, justamente, quando essa cadeia falha, quando há um tropeço na cadeia. A noção de inconsciente, quando articulada às categorias real/simbólico/imaginário de Lacan, aponta por um lado para a radicalidade de uma falta nessa cadeia significativa $\frac{3}{4}$ falta um significante que diga quem sou... ou que diga ‘sou isso’.... $\frac{3}{4}$ e mostra, por outro, que buscamos constituir sentidos o tempo todo $\frac{3}{4}$ tentativas de dar consistência ao ego $\frac{3}{4}$ por sermos marcados por esse não dito estrutural.^[9] Ou seja, na falha da cadeia encontramos o real articulado no simbólico, inscrito nessa cadeia: o real promove a escrita da falta de um significante e, paradoxalmente, é inapreensível, não se dá a ver, a escutar, não se apreende, escapa sempre. O real só é apreensível pela via do imaginário, pelas tentativas de produção de sentidos que dão conta dessa falta (de um significante) que nos funda como sujeitos.^[10]

Entre os anos 60 e 70, Lacan mantém sua conceituação de significante $\frac{3}{4}$ um significante só representa a si mesmo, no máximo representa um sujeito para outro significante $\frac{3}{4}$, e de sujeito, como $\frac{3}{4}$ sujeito do inconsciente, que emerge entre dois significantes. Mas ao longo dos anos 70, Lacan nomeia o que faz de 'lingüística' para se diferenciar do trabalho da lingüística e, também, do estruturalismo. Para ele, a lingüística é construída para formalizar uma completude, uma totalidade e uma consistência da língua. Lacan afirma algo que até então, aparentemente, não precisava ser dito: "Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da lingüística. (...) e esta fórmula muda totalmente a função do sujeito como existente." (Lacan, *Seminário 20*, 1972-73, p. 25) Essa distinção de campos de trabalho se faz necessária porque aponta para uma aceitação (ou não) do conceito de real na ciência. A lingüística, lembremos, é formulada na ordem da ciência, na ordem justamente da suposição de apreensão da língua objeto do conhecimento.

Ao lado disso, Lacan acentua a crítica de que a linguagem serve para a comunicação, dizendo que esse conceito $\frac{3}{4}$ linguagem $\frac{3}{4}$ é construído pelo discurso científico para dar conta do que ele, Lacan, formula como **alíngua e como falasser (parlêtre)**, o ponto onde o sujeito e o desejo inconsciente se articulam. "A linguagem", diz Lacan, "é feita de alíngua". E prossegue: "Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de alíngua, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar." (Lacan, *op.cit.*, 1972-73)

Alíngua é um não todo suportado pela língua. Se a lingüística constitui a língua como seu objeto, uma "rede" (conforme metáfora de Milner em *O amor da língua*, 1987, p. 26), trata-se de uma rede que comporta um objeto faltoso. A lingüística e a gramática tentam representar a língua construindo imaginariamente sua completude: deslocam o real da língua materna entendendo-o como "erro" cuja correção é signo de prestígio social. Aí funciona, a exigência de completude, de correção, de homogeneidade. Como diz Milner (*op.cit.*, p. 26, 27) "Sabe-se que o esforço dos lingüistas estruturalistas consiste em obrigar o lingüista a tratar toda língua como se ninguém a falasse, e, se se trata da sua própria, tratá-la em idioma estrangeiro. Esta era, evidentemente, a via mais segura para impedir todo retorno incômodo do que poderia deixar incompleto o objeto a representar."

(Em síntese, Lacan, ao contrário de Althusser, não se propõe a salvar a ciência.... nem a lingüística dos efeitos do real)

Concluindo com Pêcheux

Retomando as formas revolucionárias de pensar mencionadas anteriormente $\frac{3}{4}$ o marxismo e a freudismo $\frac{3}{4}$, conforme mencionei ao longo desse meu texto, produziram conflitos, desestabilizaram o terreno do idealismo, mas essa ruptura foi sendo aos poucos engolida, diluída pelo retorno aos “velhos hábitos de pensar”.

Em 1969, Pêcheux afirmava $\frac{3}{4}$ e não podemos esquecer o profundo vínculo teórico que ligava Pêcheux e Althusser $\frac{3}{4}$ que uma hipótese possível sobre as conseqüências políticas de maio de 68 no projeto político-universitário implicava uma mudança radical do próprio projeto científico e “marcaria o fim de uma época para além da qual todo saber estaria por ser reinventado”. (Pêcheux, 1969) Uma transformação que pressuporia um trabalho crítico de redefinição das categorias de base das ciências humanas, o que permitiria a produção de resultados sobre as próprias bases.

Se somos leitores atentos da obra de Pêcheux, sabemos bem que é também em 1969 que ele publica *Análise Automática do Discurso*, livro que representa justamente uma tentativa de virada na dominância da metodologia da análise de conteúdo em vigor, uma metodologia altamente formalizada, baseada em estatísticas e vinculada a uma concepção de leitura que pressupõe a literalidade do texto e um sujeito autor/leitor consciente etc... Esta *Análise Automática do Discurso*, tanto pela inclusão de uma proposta teórico-metodológica com base em categorias do materialismo histórico como pela explicitação da possibilidade de explorar uma via de matematização com a utilização de programas de computadores, introduz uma reflexão inovadora ao não cair em um reformismo teórico e ao apontar para um dispositivo de análise que não excluía o político de suas discussões sobre a produção de sentidos e, ao mesmo tempo, deslocava a discussão da noção de indivíduo para a de posição-sujeito na produção discursiva.

Nos anos que seguem, ao contrário de Althusser, Pêcheux não retifica totalmente uma ligação com a psicanálise lacaniana, fazendo referências muitas vezes mais implícitas do que explícitas ao pensamento de Lacan.^[11] Podemos supor que Pêcheux segue à risca seu próprio programa sugerido no artigo de 1969, ou seja, aceita a inquietação e a falta de conforto que implica uma recusa em seguir o que se tem como evidência daquilo que deve se ocupar a prática teórica, numa dada conjuntura.

Mas acho que podemos ir além, e supor que o desconforto se manifesta não apenas pela resistência teórica e política a um pensamento estabelecido, mas se deixa pegar, também, pelo desconcerto que a entrada em cena do conceito de inconsciente articulado ao conceito de real provoca. Pêcheux se viu diante do real, um real incontornável. Como uma observação paralela, sujeita a verificações, observamos que há uma mudança na escrita de Pêcheux. Seus textos iniciais, dos anos 60 e 70, são construídos com frases mais dogmáticas, mais longas, com raciocínios intrincados e imbricados na teoria materialista. Em *Semântica e Discurso* e em *A língua inatingível*, uma primeira mudança: a forte entrada do chiste e da ironia na escrita.

Na terceira parte de *Discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux prossegue onde, no meu entender, Althusser parou. Questionando-se sobre um real próprio às disciplinas de interpretação, Pêcheux afirma que os efeitos desse real não podem ser descartados como um defeito. Um real “que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos.” Não levar em conta esse real representa o risco de se cair no comodismo dos velhos hábitos de pensar, que encontram em uma ciência régia os caminhos que domesticam o real da língua e da história.

Ele chama de “o próprio da língua” esse jogo ao qual a língua está submetida o tempo todo em função dos equívocos, das elipses, das alterações inerentes ao funcionamento da cadeia significante. Para Pêcheux, o objeto da lingüística não existe sem o fato estrutural do equívoco, algo que se marca no “ordinário cotidiano” da produção de sentidos, mas a Lingüística furta-se a lidar com isso.

Conclusão parcial e provisória

Em suma, e fazendo coro com Pêcheux, não havendo um “trabalho sobre os conceitos” nem sobre “o conjunto dos efeitos do teórico” desse trabalho resta um aplicacionismo que reduz a fundamentação teórica ao uso de conceitos $\frac{3}{4}$ ou melhor, ao uso dos rótulos conceituais, sem o peso da reflexão a eles inerente $\frac{3}{4}$ relativos a algum nome fundador e em nome de serem úteis à leitura de um *corpus* determinado. Note-se, em relação à questão dos conceitos, a oposição entre ‘uso’ e ‘trabalho’: tal oposição já representa a mudança de uma posição teórica, pois está em jogo a diferença entre uma posição pragmática sem reflexão e uma posição histórica que supõe o trabalho como uma atividade transformadora.

Em suma, “lutar contra o habitual” em ciência parece simples, mas no entanto há que se fazer um esforço teórico $\frac{3}{4}$ com toda sua aridez e abstração $\frac{3}{4}$ para não ser tomado pelas filosofias espontâneas que perpassam as ciências humanas e as linhas pesquisa, proporcionando facilidades metodológicas e produzindo teorias *best sellers*. Desacomodar autores e leituras é um trabalho que se só se faz lendo esses autores e lutando com a complexidade do pensamento teórico.

Por fim, não há como não pensar sobre a situação da análise do discurso em seu momento atual, pois há vinte anos atrás, mais ou menos, a orientação do materialismo histórico em análises de linguagem $\frac{3}{4}$ melhor dizendo, a pesquisa em uma semântica discursiva de base materialista $\frac{3}{4}$ era algo concebido como pouco científico e, portanto, pouco merecedor de financiamentos para pesquisa e de publicações.

Para os dias de hoje, melhor seria, talvez, colocar a expressão no plural: análises do discurso para, então, buscar os determinantes que marcam diferenciações, tais como, ‘francesa’, ‘brasileira’, ‘anglo-saxã’, ‘crítica’, ‘de base semiótica’, ‘semio-análise’; ou ainda, como forma de diferenciação, a utilização de determinantes a partir dos nomes próprios às quais se vinculam, como, ‘pecheutiana’, ‘foucaultiana’, ‘com base em Maingueneau’, ‘greimasiana’ e por aí vai. Ora, qual a garantia de cientificidade baseada no materialismo que esses determinantes trazem?

Por outro lado, o maior ou menor sucesso, atualmente, das linhas de pesquisa em análise do discurso deve-se justamente ao uso de um ou outro desses determinantes. E, muitas vezes, tal sucesso deve-se a uma maior

facilidade de aplicação de modelos teórico-metodológicos que, retomando Pêcheux, nada mais fazem do que esvaziar a subversão do pensamento materialista em função de sua submissão às filosofias espontâneas do hábito do pensamento formalista e empirista. Podemos afirmar, então, que a diferença básica encontra-se no que está silenciado, porém pressuposto: a presença de fato do materialismo histórico.

Mas também não se pode deixar passar em branco o fato de que cada vez mais as ciências humanas vêm-se submetidas a modelos de avaliação quantitativos que privilegiam o número de orientações concluídas em prazos curtos bem como super-valorizam as publicações (mais em quantidade do que em qualidade). São fronteiras delimitadas, podemos pensar, por um discurso capitalista que associa de modo simplista e genérico, na maioria das vezes, quantidade de produção acadêmica com seriedade.

[1] Texto apresentado no II CEPEL, UNEMAT, Cáceres, julho, 2998

[2] Texto que traduzi recentemente e que será publicado em uma coletânea organizada por Orlandi a ser publicada em 2009.

[3] Citação de Althusser que reproduzirei mais a frente.

[4] Observe-se a atração de Lacan pelo texto freudiano: "... estamos aqui para nos debruçar com admiração sobre os textos freudianos e nos maravilhar com eles (...)" (Lacan, Seminário I, p. 18)

[5] Faço referência, aqui, a dois textos fundamentais, ambos da década de 50: Função e campo da fala e da linguagem (1953) e A instância da letra no inconsciente (1957), posteriormente publicados em Escritos (1988).

[6] Cf. Roudinesco, inclusive quando ela afirma: "Há uma evidente analogia entre o retorno a Freud teorizado por Lacan nos anos cinqüenta e a leitura althusseriana de Marx, elaborada dez anos depois." (Roudinesco, 1988, op. cit., p. 395- 414 e p. 400)

[7] Muito embora possamos encontrar, ao longo da obra de Freud, reflexões psicanalíticas extremamente importantes sobre o funcionamento social, como em O mal estar na civilização.

[8] Sigo, aqui, os comentários de Evangelista na introdução do livro Freud e Lacan, Marx e Freud. (p. 36)

[9] O S/ (S com barra) da teoria lacaniana marca essa falta estrutural. (Lacan, O desejo e sua interpretação, seminário inédito, p. 404)

[10] Lacan sempre esteve atento ao pensamento marxista e crítico ao discurso capitalista. Em seu seminário inédito De um outro ao Outro, seminário que ocorre logo entre 1968 e 69, Lacan formula o conceito mais de gozar, nome dado ao objeto a, estabelecendo uma analogia com o conceito de mais valia de Marx.

[11] Em 1988, Vérités de la Palice, e depois, em Só há causa daquilo que falha, há referências ao pensamento lacaniano, as citações, porém, estão mais para o implícito.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, L. *Ler O Capital*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, pp.17-18, v. I.

BALIBAR, E. “Sobre os Conceitos Fundamentais do Materialismo Histórico”. In: *Ler O Capital*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980, v. II, pp. 212-13.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente. In *Escritos*. 1998 [1966], p. 496-536.

ROUDINESCO, Elisabeth. *História da psicanálise na França; a batalha dos cem anos*. vol. 2: 1925-1985. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988 [1986]